

A REESCRITA DA MEMÓRIA IMPERIAL NA POESIA DE PATRÍCIA LINO

THE REWRITING OF THE IMPERIAL MEMORY IN
PATRÍCIA LINO'S POETRY

LEONARDO VON PFEIL ROMMEL¹

1 Doutorando em Estudos de Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Resumo: Em *O kit de sobrevivência do descobridor português no mundo anticolonial* (2020), a poeta Patrícia Lino, através de uma série de poemas verbo-visuais, satiriza e promove uma reescrita da memória imperial portuguesa. O *Kit* poético de Patrícia Lino é composto por uma coleção/catálogo de pequenos objetos cotidianos, bibelôs, manuais e imagens ironicamente destinados a aplacar os sentimentos de saudade e nostalgia dos portugueses em relação ao seu passado histórico marcado pelas Grandes Navegações, pelo colonialismo e pelo Estado Novo. A poesia do *Kit*, enquanto discurso pós-colonial, revela as contradições e as faces obscuras do tempo imperial que foram herdadas e ainda assombam a sociedade portuguesa contemporânea.

Palavras-chave: império, memória, pós-colonialismo, poesia.

Abstract: In *O Kit de sobrevivência do descobridor português no mundo anticolonial* (2020), the poet Patrícia Lino, through a series of verbal-visual poems, satirizes and promotes a rewriting of portuguese imperial memory. Patrícia Lino's poetic *Kit* is composed of a collection/catalogue of small everyday objects, bibelots, manuals and images ironically intended to appease the portuguese people's feelings of longing and nostalgia for their historical past marked by the Great Navigations, colonialism and the Estado Novo. *Kit's* poetry, as a post-colonial discourse, reveals the contradictions and dark sides of imperial times that were inherited and still haunt contemporary portuguese society.

Keywords: empire, memory, post-colonialism, poetry.

A imagem das Grandes Navegações e do império colonial alimentaram, por cerca de quase cinco séculos a identidade nacional portuguesa. De acordo com as palavras de Eduardo Lourenço (2003, p. 31), “o Império teria sido o ópio da nossa História”, uma vez que o pioneirismo português no processo de expansão da Europa para fora de suas próprias fronteiras contaminou a realidade e os sonhos nacionais para sempre.

De acordo com Margarida Calafate Ribeiro (2004, p. 32), com a abertura do mundo, trazida pelos Descobrimentos, “os portugueses foram descentrando o seu centro, escrevendo a sua história fora da órbita europeia (...), desenhando outros centros na sua história e nas suas vidas, geográfica, mental e ficcionalmente traçados (...)” da Índia ao Extremo-Oriente e da África ao Brasil. Ainda de acordo com as palavras de Ribeiro (2004, p. 32), o pioneirismo lusitano no decorrer do Renascimento, “levou Portugal ao desenvolvimento (...) de um discurso fundador de uma identidade baseada no conhecimento do novo mundo e da centralidade de Portugal nesse processo”.

Eduardo Lourenço (2001, p. 59) aponta que ao longo de sua existência, Portugal sempre sofreu de “um excesso de memória mitificada a acrescentar-se à nossa memória multissecular de europeus. Há sobretudo esse excesso ou sobrecarga de sonho (...)” que sempre conduziu a organização da identidade e da memória coletiva da nação. O império, ao longo da história, converteu-se para Portugal em uma espécie

de refúgio, espaço de compensação para a situação periférica do país perante o restante da Europa.

Durante séculos, nem para nós nem para os outros Portugal era outra coisa do que “um país que tinha um Império”. E esse estatuto, que foi – e continua sendo na nossa memória – o identificador supremo de Portugal, convertera-nos na ilha histórica mítica por excelência da Europa. O Império português não foi um mero prolongamento da “pequena casa lusitana” (...), um Portugal objectivamente mais poderoso e maior por possuí-lo no espaço europeu, ou sob o olhar europeu (...), mas foi, sobretudo (...) um refúgio. (LOURENÇO, 1999, p. 95).

Como comenta Margarida Calafate Ribeiro (2004, p. 51), “Portugal existia através do seu império e, através dele, imaginava-se centro”. A imagem de império no século XX desempenha papel central para a ideologia do regime do Estado Novo, que, diante de um país empobrecido, traumatizado pela independência do Brasil e pelo *Ultimatum* britânico no século XIX e ofuscado ainda pela evolução econômica das grandes nações europeias como Reino Unido e França, defendia que o povo lusitano deveria apegar-se ao passado, aos seus territórios coloniais na África.

O salazarismo buscava então uma constante “(...) mitificação da nação através da evocação do passado de que o presente império era herança e que em si reflectia a imagem da grandeza da pátria que urgia recuperar” (RIBEIRO, 2004, p. 119). O Estado Novo, por quase meio século realiza em Portugal uma “(...)

manipulação legitimadora da História, tornada instrumento central da propaganda do regime” (ROSAS, 1998, p. 259).

Através da valorização do passado colonial português, Salazar buscava promover, ainda de acordo com a visão de Fernando Rosas (1998, p. 259), uma “reinvenção do passado histórico num sentido nacionalista, tradicionalista e imperial; a ideia de um renovar da tradição, de um reencontro da nação com o seu verdadeiro passado de nautas (...) e com o seu destino providencial e colonizador”.

O Estado Novo durante os seus anos no poder promoveu aquilo que Paul Ricoeur (2007) definiu como sendo os abusos de memória, quando uma ideologia dominante busca apropriar-se da memória coletiva de um povo por meio da coerção, do falseamento da realidade e do apagamento das vozes dissonantes para assim construir uma identidade/história capaz de a fazer perpetuar no poder.

As imagens do império contaminam assim toda a história contemporânea de Portugal e carregam as suas consequências até os dias atuais, uma vez que Portugal, mesmo após mais de quatro décadas da Revolução dos Cravos e da descolonização, ainda convive com a memória do tempo imperial, principalmente aquela memória manipulada, instaurada na existência nacional pelo salazarismo. Como pontua Eduardo Lourenço (2001, p. 65) já nos começos do século XXI, “nenhuma barca europeia está mais carregada de

passado do que a nossa. Talvez por ter sido a primeira a largar do cais europeu e a última a regressar”.

Com o fim do império em 1974, Portugal converteu-se, ainda de acordo com o pensamento de Eduardo Lourenço, em um *povo saudade*. A Revolução dos Cravos inscreve-se na história nacional como uma ruptura, momento em que a nação luta para esquecer o passado traumático da Guerra Colonial e a opressão do salazarismo. Na década de 1980, Portugal integra-se à Europa e almeja, assim, alterar seu estatuto de país isolado, abrir-se para o mundo e afastando-se, desta forma, das heranças do tempo de Salazar.

Como comenta Edward W. Said (2011, p. 42), o imperialismo trata-se de um processo que ainda não está acabado nas sociedades contemporâneas, uma vez que “(...) o significado do passado imperial [foi] introduzido na realidade de centenas de milhões de pessoas, onde sua existência como memória coletiva e trama altamente conflituosa ainda exerce enorme força”. Ainda segundo Said (2011, p. 42-43), “o imperialismo (...) sobrevive onde sempre existiu, numa espécie de esfera cultural geral, bem como em determinadas práticas políticas, ideológicas, econômicas e sociais”.

Seguindo por esta mesma linha de pensamento, ao analisar a persistência de uma memória do imperialismo na Europa e no Portugal contemporâneos, Margarida Calafate Ribeiro (2016, p. 37) defende a noção de que “o ato colonial não termina com quem

o executou, ele passa para as gerações seguintes sob as formas do ex-colonizador e do ex-colonizado que complexamente reencenam uma fantasmagoria que se identifica com o habitante mais íntimo do inconsciente europeu”.

No caso de Portugal, as imagens e fantasmagorias imperiais, com o tempo, acabam por retornar ao imaginário coletivo, uma vez que “(...) quando quisermos – quando queremos – mostrar o nosso autêntico bilhete de identidade de neo-europeus o cartão que magicamente tiramos da bolsa é o eterno cartão imperial” (LOURENÇO, 2016, p. 296), uma vez que “foi lá, nesse Império, perdido e presente na sua mesma ocultação que fomos tudo o que nos distingue de todos os europeus” (LOURENÇO, 2016, p. 296). O império colonial, desta forma, sobrevive na identidade portuguesa através do signo da saudade, exercendo ainda o papel de uma espécie de refúgio existencial.

É contra a sobrevivência destes signos imperiais que investe a poesia de Patrícia Lino. Em *O Kit de sobrevivência do descobridor português no mundo anticolonial* (2020), a poeta reescreve a memória imperial portuguesa, lançando um discurso crítico sobre a utilização destes abusos de memória na sociedade contemporânea, revelando as contradições dos discursos nacionalistas e satirizando suas reapropriações no mundo atual.

Como aponta o próprio título do livro, os poemas verbo-visuais de Patrícia Lino ironizam a saudade e

a melancolia sobre a identidade colonial portuguesa que ainda reside em algumas parcelas e discursos da sociedade. Nesta segunda década do século XXI muitos países têm assistido à retomada de movimentos de extrema direita e ultranacionalistas, não sendo Portugal uma exceção. Cada vez ganham mais voz nos espaços públicos discursos de intolerância ao outro e de negação aos direitos humanos. O surgimento de partidos políticos aos moldes do fascismo de Salazar, que pregam uma espécie de regeneração da identidade nacional ficou claro nas últimas eleições nacionais de Portugal, em 2020.

A poesia de Patrícia Lino satiriza estas tentativas de reviver o passado e este resgate do que dele houve de pior, como o colonialismo e sua violência sistemática contra os povos africanos, a visão eurocêntrica do mundo e o racismo contra os imigrantes ou descendentes daqueles que abandonaram a África e rumaram para Portugal a partir do processo de descolonização em 1974. No posfácio do livro, José Luiz Passos (2020, p. 198), afirma que nos versos-imagens de Patrícia, “o alvo da ironia é o vasto campo lusófono da empáfia desmedida, da desconsideração para com a diferença e a integridade de outras culturas”.

Conforme Miguel Bandeira Jerónimo (2016, p. 61), “a revisitação das histórias imperiais e coloniais tem marcado tanto as agendas historiográficas como os debates públicos das sociedades europeias (e não só), ocupando um lugar importante nas discussões sobre

identidades coletivas e imaginações (geo)políticas contemporâneas”. Em diversos países, contrapondo-se ao crescimento dos movimentos revisionistas e negacionistas de extrema direita, vários grupos sociais têm questionado as heranças do tempo colonial.

Ainda de acordo com Jerónimo (2016, p. 64), “os ecos do império, as múltiplas modalidades de apropriação, representação e uso instrumental dos passados imperiais, são elementos centrais nas lutas políticas contemporâneas, do jogo das identidades até às imaginações geopolíticas em contenda”. Dentro deste contexto, cabe assim ressaltar a derrubada de estátuas e ícones de colonizadores e supremacistas brancos nos EUA, como Cristóvão Colombo e George Washington, e o questionamento sobre os inventários de famosos museus da Europa serem formados por peças e materiais retirados/roubados das colônias ao redor do globo durante o período de exploração.

Em Portugal, no mês de agosto de 2021, o Padrão dos Descobrimentos, símbolo máximo de representatividade do passado colonial português, foi pichado por manifestantes com frases que atacam o racismo e a xenofobia presentes na sociedade portuguesa. Tal gesto de protesto demonstra que o passado imperial e seus símbolos também estão constantemente sendo questionados e renegociados no espaço público lusitano, ressaltando que “a colonização nunca foi algo externo às sociedades das metrópoles imperiais” (HALL, 2003, p. 108).

De acordo com Margarida Calafate Ribeiro (2004, p. 17), o pensamento e os discursos pós-coloniais surgem a partir “(...) de um sentimento de necessidade de elaborar uma visão crítica de entendimento da história colonial, (...) registrando, problematizando e desconstruindo a memória da história colonial escrita pelo colonizador (...)”. A partir desta noção, os poemas de Patrícia Lino podem ser lidos através de uma perspectiva pós-colonial, uma vez que buscam reescrever a memória imperial e revisitar a identidade nacional portuguesa ao convocar e desconstruir toda a estrutura cultural e social que mantinham vivo o colonialismo na sociedade portuguesa.

O *Kit* poético de Patrícia Lino é formado por uma grande variedade de objetos, figuras, bibelôs e jogos destinados a aplacar o sentimento de nostalgia dos portugueses em relação ao seu passado imperial. As imagens dos navegadores, do império colonial e das descobertas portuguesas adquirem espaço central e ornamentam a maioria dos objetos e quinquilharias do kit. Cada objeto é acompanhado por uma espécie de manual de instruções, destinado a explicar o propósito do objeto e como este deve ser utilizado. Conforme Passos (2020, p. 198), “portanto, o *Kit* é um equipamento de sobrevida neocolonial”.

O primeiro objeto do *Kit*, o *FRASQUINHO DE MAR PORTUGUÊS*, miniatura de uma caravela portuguesa do tempo das Grandes Navegações, montada dentro de uma garrafa, contém o “cheiro forte e característi-

co do mar (...)” (LINO, 2020, p. 9) e destina-se a inalações que restituem “ao corpo a substância responsável pela dependência da interpretação colonial e eurocêntrica do mar, do embelezamento do processo de colonização portuguesa e de quaisquer outras teorias, crenças ou práticas coloniais” (LINO, 2020, p. 8).

Ainda de acordo com Lino (2020, p. 9), “ao exalar, faça um ou mais sons sibilantes (...) como os que se encontra na palavra imposição, sacrifício, massificação, cinismo, cobiça, execução ou zombaria. (...)”. A partir da evocação da imagem da caravela e do cheiro do mar, signos míticos da existência portuguesa, a autora subverte o processo de colonização, associando-o a palavras de negatividade, revelando o lado avesso das glórias imperiais, contrastando, assim, as glórias do colonialismo com a violência e a dor dos colonizados.

Dentre os objetos do *Kit* destinados a aplacar a saudade e a nostalgia dos portugueses pelo seu passado imperial, observa-se também o jogo de tabuleiro e estratégia denominado *A COLÔNIA*, “a versão colonial portuguesa do Monopólio” (LINO, 2020, p. 96), cujo objetivo “consiste em reconstruir o império geográfico, religioso e espiritual português e evitar a perda dos territórios” (LINO, 2020, p. 96). O jogo destina-se a ressaltar a visão eurocêntrica dos participantes, exaltando a identidade nacional portuguesa, uma vez que “*A COLÔNIA* é um jogo de vencedores” (LINO, 2020, p. 96) onde, de acordo com as regras, basta ape-

nas que “depois de avançar X territórios e parar num território à sua escolha, o jogador deve gritar bem alto: É MEU!” (LINO, 2020, p. 97).

Os territórios e os povos são tratados, desta forma, como meros objetos, bens a serem conquistados de acordo com a livre vontade do português, o colonizador por excelência, aquele que, segundo os discursos de Salazar, pertencia ao povo escolhido por Deus e que deveria desempenhar seu papel e seu direito histórico de colonizar os demais povos do mundo. A *COLÓNIA* reflete, assim, de maneira irônica e satírica o fato de que as configurações de poder herdadas do tempo do salazarismo ainda sobrevivem no arranjo social e identitário da nação portuguesa.

Dentre os objetos do *Kit* destinados a exaltar as glórias do passado imperial, figuram também aqueles cuja função seria responsável por disfarçar os horrores do colonialismo, mascarando-os e travestindo-os de boas intenções. Neste sentido, é interessante observar a *HISTÓRIA DOCINHA*, “uma marca de açúcar português. (...) criada com o propósito de adocicar as conversas sobre a colonização portuguesa” (LINO, 2020, p. 152).

A *HISTÓRIA DOCINHA* “tem o poder de adocicar ou ameigar tudo: genocídio, escravização (...) imposição religiosa, linguística e cultural, trabalho forçado, invasão, saque, (...) ou a suspensão do futuro do Outro” (LINO, 2020, p. 151) e, ainda segundo o *Kit*, deve ser utilizada “em situações de grande constrangimento,

exaltação ou nervosismo” (LINO, 2020, p. 153). O objeto destina-se, desta forma, a criticar a postura de alguns setores da sociedade portuguesa que, de alguma maneira, sempre buscaram formas e discursos capazes de justificar as brutalidades do colonialismo lusitano.

Ainda com o objetivo de atenuar a violência do processo colonial lusitano, faz parte também do Kit o *DISCO RISCADO LUSITANÍSTICO (DRL)* ou *A HISTÓRIA COMO EU ACHO QUE ELA FOI*, um CD-ROM que, de acordo com Lino (2020, p. 68), trata-se de “um clássico da pedagogia da repetição” e que “reúne seis faixas imprescindíveis” (LINO, 2020, p. 68), destinadas a defender e exaltar a colonização portuguesa.

1. QUANDO PORTUGAL DESCOBRIU O MUNDO...
2. A GRANDEZA DO NOSSO PASSADO
3. O QUE FIZEMOS NÃO FOI ASSIM TÃO MAU!
4. A COLONIZAÇÃO ESPANHOLA FOI MUITO PIOR!
5. O FUTURO DO NOSSO IMPÉRIO CRISTALINO
6. BLAH, BLAH, BLAH (LINO, 2020, p. 68).

As faixas do disco são compostas de falácias, frases feitas com o objetivo de evitar o desconforto criado pela discussão sobre os reais efeitos do colonialismo português e europeu. Prevalece no *DISCO RISCADO LUSITANÍSTICO* a defesa do processo colonial como uma forma de desenvolvimento do colonizado. Com

intensa ironia, Patrícia Lino desconstrói estas narrativas de revisionismo histórico que ainda sobrevivem na sociedade portuguesa contemporânea, reduzindo-as a um exercício ridículo e descabido, apresentando-as pelo seu avesso.

De acordo com o pensamento de Boaventura de Sousa Santos (2010, p. 228), “a relação colonial protagonizada por Portugal impregnou de modo muito particular e intenso as configurações de poder social, político e cultural, não só nas colónias como no seio da própria sociedade portuguesa”, fazendo com que os efeitos do colonialismo ainda não estejam totalmente superados na identidade e na memória coletiva do país. Ainda conforme Santos:

Esta impregnação colonial do poder, longe de ter terminado com o colonialismo, continuou e continua a reproduzir-se. Por outras palavras, talvez mais do que em qualquer outro colonialismo europeu, o fim do colonialismo político não determinou o fim do colonialismo social, nem nas ex-colónias, nem na ex-potência colonial” (SANTOS, 2010, p. 228).

Conforme o discurso de Edward W. Said (2011, p. 29), “somos ainda os herdeiros desse estilo segundo o qual o indivíduo é definido pela nação, a qual, por sua vez, extrai sua autoridade de uma tradição supostamente contínua”. Os poemas verbo-visuais de Patrícia Lino satirizam as estruturas e discursos imperialistas que ainda sobrevivem na contempora-

neidade portuguesa e europeia. Os objetos do *Kit* boicotam as narrativas e pilares da tradição e instauram o riso e o deboche.

Os poemas-imagens de Patrícia Lino buscam efetuar uma descolonização do imaginário português e europeu contemporâneos. Os objetos do *Kit* evocam a memória imperial para, em seguida, a desautorizar, apresentando o seu lado avesso, desumano e obscuro. Conforme Linda Hutcheon (1991, p. 78), a arte pós-moderna “é histórica e política”, sendo intensamente marcada pela desconstrução das grandes narrativas legitimadoras herdadas do passado. Ainda de acordo com Hutcheon (1991, p. 80), “o que a arte e a teoria pós-modernista têm em comum é uma consciência das práticas e instituições sociais que as modelam”. A literatura pós-moderna busca assim, “inquietar-nos, (...) fazer-nos questionar nossos pressupostos” (HUTCHEON, 1991, p. 81) e a forma como entendemos a sociedade em que vivemos.

O *kit* poético de Patrícia Lino inscreve-se como literatura pós-colonial e pós-moderna que busca “mapear e expor atitudes mentais contemporâneas, calcadas numa suposta glória dos velhos descobrimentos” (PASSOS, 2020, p. 198-199). Por meio dos objetos poéticos, “o *Kit* nos dá a oportunidade de praticar exercícios de ridículo imperial” (PASSOS, 2020, p. 199), uma vez que subvertem, por meio da ironia e da sátira, os discursos, imagens e falácias que sem-

pre permearam a constituição da identidade nacional portuguesa.

A poesia verbo-visual de Patrícia Lino, em *O Kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Anticolonial* (2020) promove uma releitura e também uma reescrita da memória imperial portuguesa, uma vez que convoca a história e o passado português para os desautorizar. Os objetos-poemas, por meio de uma intensa carga de ironia, obrigam o leitor a confrontar-se com as ambiguidades e violências do colonialismo português, efetuando, desta forma, uma reavaliação do Portugal contemporâneo e da necessidade de combater, no presente, os fantasmas e as heranças imperiais do passado.

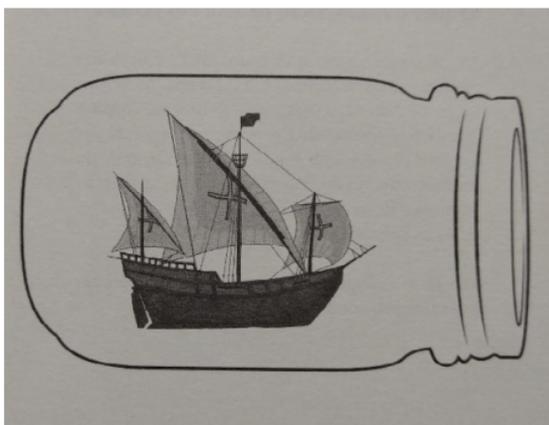


Fig.1 – Frasquinho de mar português
(Lino, 2020, p. 7)

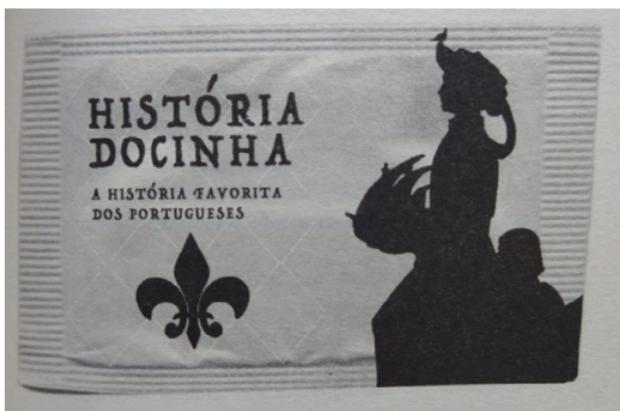


Fig. 2 – História docinha (Lino, 2020, p. 151)

REFERÊNCIAS

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sofik; Trad. Adelaide La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história/teoria/ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

JERÓNIMO, Miguel Bandeira. Revisitando os lutos inacabados do império. In: RIBEIRO, António Sousa; RIBEIRO, Margarida Calafate (orgs). *Geometrias da memória: configurações pós-coloniais*. Edições Afrontamento: Portugal, 2016, p. 61-94.

LINO, Patrícia. *O Kit de sobrevivência do descobridor português no mundo anticolonial*. Juiz de Fora: Edições Macondo, 2020.

LOURENÇO, Eduardo. *Do colonialismo como nosso impensado*. Org. e prefácio Margarida Calafate Ribeiro; Roberto Vecchi. Lisboa: Gradiva, 2016.

LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade*. Lisboa: Gradiva, 2013.

LOURENÇO, Eduardo. Os girassóis do império. In: RIBEIRO, Margarida Calafate; FERREIRA, Ana Paula. *Fantasmata e fantasias imperiais no imaginário português contemporâneo*. Porto: Campo das Letras, 2003, p. 29-41.

LOURENÇO, Eduardo. *A nau de Ícaro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da saudade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

PASSOS, José Luiz. A literatura-kit em estado de graça. In: LINO, Patrícia. *O Kit de sobrevivência do descobridor português no mundo anticolonial*. Juiz de Fora: Edições Macondo, 2020, p. 197-201.

RIBEIRO, Margarida Calafate. A Casa da Nave Europa - miragens ou projeções pós-coloniais? IN: RIBEIRO, António Sousa; RIBEIRO, Margarida Calafate (orgs). *Geometrias da memória: configurações pós-coloniais*. Edições Afrontamento: Portugal, 2016, p.15-42.

RIBEIRO, Margarida Calafate. *Uma história de regressos: império, Guerra Colonial e pós-colonialismo*. Porto: Edições Afrontamento, 2004.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROSAS, Fernando. O Estado Novo. In: MATTOSO, José. *História de Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2010.